

# HISTÓRIA

## Água de Peixes: Histórias de um lugar onde nascia gente (II)

JOÃO TABORDA PROFESSOR

*“Eram terras boas... e com a muita água que havia... só não davam era ouro!”*

*António Letras, 96 anos, natural de Água de Peixes*

**A**QUEDUTO DE “OLHO DE PEDRO” E REGADIO ... Falar de regadio em Água de Peixes obriga a algumas considerações sobre as estruturas que foram sendo instaladas na herdade para captação, condução e armazenamento de água. É por um aqueduto que, no decorrer dos séculos, o precioso líquido tem sido conduzido da nascente de “Olho de Pedro” até ao interior da quinta... O “cano velho”... assim lhe chama o senhor António Letras, que ao longo da sua vida em Água de Peixes recorda, tanto as centenárias estruturas hidráulicas (poços, canais, caixas, tanques, etc), que sempre se lembra de ver, como os poços e os novos sistemas de adução, associados ao incremento do regadio na herdade e a cuja abertura e instalação assistiu. O “cano velho” terá uma extensão de 400 metros. Os últimos 50 metros que antecedem a sua entrada na quinta estão à vista. A limpeza de silvados, feita no final da primavera de 2020, revelou mais 100 metros do velho aqueduto, construído em sólida alvenaria e selado por robustos blocos de pedra. Nessa altura, à direita da pronunciada curva que a estrada vinda de Alvito ali desenha, num espaço compreendido entre o “cano velho” e o leito do ribeiro de Água de Peixes, foram igualmente postas a descoberto possantes estruturas, também em alvenaria (para contenção de caudais?). Porque o solar de Água de Peixes é um imóvel classificado como monumento nacional, porque a sua história e vida estiveram desde sempre intimamente dependentes da água e do modo como foi captada e até ali conduzida, faria sentido alargar a sua zona de proteção, de forma a incluir nesse perímetro as diversas estruturas hidráulicas referidas, acautelando, assim, a sua salvaguarda...

**A QUINTA...** “LAGOS”, HORTA E POMAR No interior da quinta murada, que tem uma área de cerca de 3,5 hectares, a água transportada pelo “cano velho” alimenta dois enormes tanques... os “lagos”... como são conhecidos por quem de perto conviveu e trabalhou na herdade, como o casal António e Joaquina Letras. O “lago” maior (a que chamarei lago 1), com 100 metros de comprimento, nove metros



de largura e uma profundidade média de 1,5 metros, tem uma capacidade de cerca de 1350m<sup>3</sup>. O outro (lago 2), que acompanha toda a fachada poente do paço, tem 63 metros por seis metros. Na década de 1950, a quinta tinha um hortelão, guardião de um éden onde tudo crescia, porque de “lagos”, quase mares, brotava abundante a fresca linfa... Um laranjal partilhava espaço e cuidados com muitas outras árvores de fruto... diospireiros, pereiras, ameixeiras, romaneiras, nespereiras e

abrunheiros, dos amarelos, precisa, ainda orgulhosa, a dona Joaquina. Nesse tempo, as parreiras carregavam como só visto, vergadas pelo peso de cachos úberes. E a horta... um mimo, com tudo, recorda saudosa... Também flores... que cresciam por todo o lado, combinando-se numa cromática promiscuidade, espargindo o seu perfume sobre canteiros de feijão, pimentos, tomate e abóboras, pepinos e tudo o mais que se quisesse. “Só vendo, João... só vendo”, repete-me uma e outra vez,

com o carregado do pesar na voz e o olhar posto lá longe, como quem vê desaparecer um paraíso... que noutras épocas, para além de lugar de trabalho árduo, era um refrescante cenário de recreio. Só os séculos XV e XVI, nos tempos de D. Álvaro de Bragança e de seu filho e neto, D. Rodrigo de Melo e D. Francisco de Melo, assim o terço visto em todo o seu encanto, de frondosas sombras, silêncio e brisas, embalados pela melodia das águas que jorrando de bicas... correndo frescas por um

labirinto de canais tudo irrigavam... Mas regressemos ao século XX.

**A HORTA DOS PISÕES** Para além desta horta, íntima do paço, existia uma outra, muito perto já da ponta sudeste da herdade... a horta dos pisões... Um recanto de Água de Peixes que guarda ainda memórias deliciosas e resilientes vestígios materiais, que importaria preservar. Tirando partido das condições favoráveis – várzea de solo fértil e rica de água –, aí se instalou um pequeno centro de produção agrícola, com o seu núcleo habitacional, ao redor do qual se organizava horta e pomar, vinha e olival, rodeados por um anel de cereais, como deu conta Gerardo Pery já no final do século XIX (1883). Como o seu nome teima em não deixar esquecer, esta horta localizava-se no coração do complexo de pisões do duque. Terá com eles coexistido e convivido no auge da sua atividade? Terá ajudado a alimentar as famílias vizinhas neles residentes? É possível. Gravado num dos pilares que preservam o local onde se abria o amplo portão da horta, indiciando, assim, que seria cercada, ainda pode ler-se... 1874... ano de construção ou de manutenção daquela entrada, sita na banda poente da várzea, à beira do velho caminho que por ali passa, na sua aproximação à monumental ponte de Vila Ruiva. Mais próximo de nós, o senhor António Letras lembra-se bem do Joaquim Pedro, conhecido por “Zé da tia”... porque se juntou com uma sua parente! O “Zé da tia” era quem, no tempo do doutor Marques, trazia arrendada a horta dos pisões. Vem a propósito dizer que o ribeiro de “Olho de Pedro” corria pelo meio da várzea, passando por dentro da horta. O doutor Marques, ao que parece por insistência do “Zé da tia”, que seria muito persuasivo nas suas reivindicações, mandou-o desviar numa extensão de mais de 300 metros para a posição que atualmente ocupa, na extrema oriental da várzea. O tempo, contudo, não foi ainda suficiente para apagar por completo o traçado do antigo leito, que se mantém visível, tanto em imagens do Google Earth, como a quem visita o terreno. Denunciaram-no igualmente, quase ocultos no meio do matagal, dois delicados arcos em tijolo. Pertencem a uma pequena e antiga ponte, por onde em tempos se transpunha o ribeiro... que já por ali não passa.

Hoje, a horta dos pisões, com as

suas casas, poço e nora, ponte, fontanário e o mais que a brenha esconde, é um mundo de ruínas arrendado ao abandono...

#### O LARANJAL FORA DE MUROS E A "PRESA"

Mas a abundância de água permitia que em Água de Peixes se regasse muito mais. Na década de 1960 foi plantado um grande laranjal... Mais de 1500 árvores, numa área de 3,5 hectares. O senhor António atribui a iniciativa ainda a Nuno Marques. Estaria já plantado no início da década, como o confirma a Carta Agrícola e Florestal de Portugal. A sua presença é marcante em fotografias aéreas de 1979... Começava junto ao muro da quinta e estendia-se para sul, ladeado a oeste pelo ribeiro de "Olho de Pedro" e a nascente por uma alameda de vetustos cedros, que ainda hoje leva à ermida de Nossa Senhora da Graça. Chegava até perto do tanque que o senhor António identifica como a "presa"... Este tanque, com 40 metros por oito metros e uma profundidade média de 0,90 metros tem uma capacidade de quase 300m<sup>3</sup>. Proveniente do lago 2, a água entrava no laranjal através de uma estrutura que, em parte do seu trajeto, apresenta uma tipologia, e por certo antiguidade, similares às do "cano velho". Suportando-se nela, e evidenciando um estado de abandono semelhante àquele a que acabou votado o próprio laranjal, ainda se veem as modernas caleiras em fibrocimento que então conduziam a água até ao pomar. Chegada aí, circulava em regos abertos no solo. E era com a mesma mestria, gestos e energia conhecidos de há muito, que homens e mulheres, a enxada e braços, abrindo e fechando comportas de terra, levavam a água ao pé de cada árvore. A cada trabalhador cabia regar um certo número de laranjeiras, organizadas em tabuadas... esclareceu a dona Joaquina. É fácil imaginar o que ali seria abril... o verde vivo e denso do arvoredo de brancos adornos perfumando... outro paraíso! A produção era vendida na árvore e a apanha da laranja feita por gente de Albergaria dos Fusos. Depois o laranjal foi abandonado. Uma brenha medonha de impenetrável foi tomando conta da lenha morta em que se transformou... até há poucos meses. Mas antes de regressarmos à conversa sobre o regadio, detenhamo-nos ainda na "presa"... como o senhor António se referiu ao tanque no limite sul do desaparecido laranjal. Atendendo a que "presa" tem significado próximo de "represa" (barragem ou açude), deixo a hipótese de a associação desse tanque a uma "presa" poder explicar-se pela existência de uma antiga barragem naquele local. Sustento esta suspeita numa fotografia aérea de 1979 em que se vê, com uma orientação oeste-este, uma



**A monda era tarefa de mulheres. Desde abril-maio até final de agosto uma bomba de cinco polegadas tirava água de "Olho de Pedro"... dia e noite. Só depois se deixavam secar os tanques, para o arroz ser ceifado em setembro. A colheita era feita por ranchos de homens e mulheres recrutados nas povoações vizinhas. Mais tarde passou a fazer-se com ceifeira mecânica".**

indiscreta estrutura retilínea transversal ao ribeiro de "Olho de Pedro". Podem ser as marcas últimas no terreno de uma antiga... represa... entretanto desaparecida. Mas não completamente, porque por perto subsistem, "arrumados" ao longo de

um alinhamento de centenárias oliveiras, enormes blocos, feitos de pedras firmemente argamassadas, que poderão ser o derradeiro vestígio de um antigo paredão, entretanto desmantelado, porque estorvo para os trabalhos agrícolas. Diogo e Feio (Carta Arqueológica do Concelho de Alvíto, 2004) sinalizam, mil metros mais a sul, na horta dos pisões, o que dizem ser uma "barragem em terra batida, eventualmente romana". Não discuto a cronologia proposta. Deixo, todavia, a pergunta... não poderão estas estruturas estar relacionadas com o complexo de azenhas/pisões que aqui existiu e de que subsistem ainda inúmeros vestígios ("Diário do Alentejo", 15 de março de 2024, pp.14-15)? Importaria prosseguir a investigação com um mais fino trabalho de campo, mas tal está hoje inviabilizado pela impossibilidade de acesso ao local.

#### TANQUES DE ARROZ E LAVRAS DE TOMATE

Concluamos, pois, esta breve incursão pelo regadio em Água de Peixes. A Carta Agrícola e Florestal de Portugal, que tem vindo a ser referida, sinaliza aqui perto de 30 hectares de regadio, repartidos por duas áreas. Uma com culturas de regadio (sem especificação), que perfazem perto de 15 hectares e uma outra de arroz, também com cerca de

15 hectares. A memória fresca e fina do senhor António e de sua esposa dona Joaquina, revelou-se uma vez mais preciosa... Para aumentar a área de regadio, ao tempo da administração do doutor Marques e do seu filho, foram abertos novos poços e instaladas no terreno novas caixas e canalizações para armazenamento e condução da água. De acordo com o senhor António Letras, o arroz já seria cultivado em Água de Peixes na primeira metade da década de 1940 [confirma-o a Carta Militar de Portugal, Folha 488 (Alvíto), de 1944]. Mas o forte aconteceu já com Nuno Marques e as administrações seguintes. No final da década de 1970 cultivava-se ainda arroz em Água de Peixes. A sua área terá chegado perto dos 20 hectares, ocupando terrenos da "varge" (várzea = planície chã) tanto do lado direito da estrada de Albergaria dos Fusos, à entrada do núcleo habitacional e agrícola de Água de Peixes, como do seu lado esquerdo, quase até à "Horta dos Pisões". No início eram o doutor Marques e o seu filho quem o cultivava. Depois passou a arrendar-se o terreno a um homem de Couço (Coruche), tirando-se partido de outros saberes e experiência. Os trabalhos começavam com a preparação dos tanques e o nivelar das terras. A sementeira cabia aos homens.

A monda era tarefa de mulheres. Desde abril-maio até final de agosto uma bomba de cinco polegadas tirava água de "Olho de Pedro"... dia e noite. Só depois se deixavam secar os tanques, para o arroz ser ceifado em setembro. A colheita era feita por ranchos de homens e mulheres recrutados nas povoações vizinhas. Mais tarde passou a fazer-se com ceifeira mecânica. A herdade chegou a ter duas máquinas debulhadoras e um caterpillar para estes trabalhos. Após debulhado e ensacado, camionetas de uma empresa, que o senhor António já não recorda, vinham à herdade levantar o arroz.

Outras culturas de regadio que chegaram a ter alguma expressão, tanto em área como em produção, foram as do milho, do feijão e do tomate. Chegaram a fazer-se grandes tabuadas de feijão na várzea, logo por baixo da ermida. As lavras de tomate, que ganham expressão após o auge do arroz, ocupavam terrenos junto ao núcleo habitacional de Água de Peixes, do lado direito da estrada que vem de Albergaria dos Fusos. No tempo dos irmãos Albano, de Évora, que estiveram à frente da herdade após a saída de Nuno Marques, a várzea era arrendada para tomate. Era gente de Albergaria e de Vila Ruiva que vinha para a apanha. O tomate era vendido para a indústria, recorda ainda o senhor António Letras, que acrescenta... "por campanha faziam-se duas a três carradas" (5000 a 6000 quilogramas de tomate por carrada). E remata... "Eram terras boas... e com a muita água que havia... só não davam ouro!..."

Foi ainda na década de 1960 que Água de Peixes, enquanto pequeno núcleo populacional, terá começado a esmorecer. Após o doutor António José Marques e seu filho, outros administradores e rendeiros por ali passaram. Mais tarde, em 1974, na sequência do 25 de Abril e da Reforma Agrária, a herdade foi ocupada. Após a devolução das terras regressou aos seus proprietários. Hoje, está na posse das duas filhas de Maria do Carmo Vilar Figueiredo Cabral da Câmara, esposa de Enrique Emo Capodilista, o "conde novo". E se é verdade que os dois "lagos" continuam rasos, se é verdade que quem passa no terreiro fronteiro ao paço ainda se emociona com a fresca cantata no tanque do velho pátio, não é menos verdade que o romance que terra e água aqui viveram... esse já não é senão desencantada lembrança. Água de Peixes é hoje um lugar quase divorciado da água, vivendo da cortiça, da caça e da criação de gado.

Por isso... para que nem tudo se esfume em cinza e nada!!!... estas linhas... a avivarem tempos em que "Olho de Pedro" foi fonte e vida... num lugar onde nascia gente...